

TELEVISÃO

A MEMÓRIA TELEAFETIVA: OS ELEMENTOS DE SEDUÇÃO DA PROGRAMAÇÃO *DÉJÀ VU*

The teleafetive memory: the elements of seduction of the Déjà Vu programming

Mario Bressan Júnior*

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar os elementos da memória dos telespectadores do canal Viva, a partir de postagens no *Twitter*, que justifiquem a audiência a ponto de promover uma relação teleafetiva com a programação. Como procedimento metodológico, além do referencial bibliográfico, aplica-se a Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin, classificando e categorizando os dados. O resultado mostrou que a saudade, a diversão e a nostalgia são elementos que justificam a audiência do canal, por evidenciar uma relação teleafetiva com o telespectador, por readquirir reminiscências com a programação *Déjà Vu* e impulsionar vibrações provocadas por afetos e pela experiência televisiva.

Palavras-chave: Comunicação. Televisão. Memória. Memória teleafetiva. Redes sociais.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the memory elements of the canal Viva viewers. Found in Twitter posts, these elements are able to justify the audience and promote teleaffective relationship to the channel schedule. Beyond bibliographic references, the Content Analysis (AC) of Laurence Bardin, classifying and categorizing the data lines were used as methodological procedures. The result showed that the feeling when you are missing someone, fun and the nostalgic

* Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). *E-mail:* <marioabelbj@gmail.com> .

Revisão: Dra. Andréa da Silva Daltoé

Data de submissão: 19.1.2018

Data de aceite: 13.9.2018

feeling are elements that justify the audience of the channel, showing a teleaffective relationship between the television and the viewer.

Keywords: Communication. Television. Memory. Teleafetive memory. Social networks.

1 Introdução

Entender a memória é essencial às diversas áreas de que a sociedade participa, pois, cada vez mais, se percebe a volta de elementos do passado, configurando um presente nostálgico, composto por lembranças e memórias. Na moda, na arquitetura, no *design*, constata-se esse movimento. Objetos de decoração e produtos da “linha retrô” também fazem parte do contexto social em que vivemos.

Estamos mais nostálgicos, e a prova disso é a venda de produtos relacionados ao passado de forma lucrativa. Huyssen (2000, p. 24) afirma que está na moda o consumo dos “remakes originais” e, assim como os teóricos culturais e os críticos, estamos obcecados com a representação, a repetição, a replicação e com a cultura da cópia, com ou sem original. Para ele, por exemplo, o passado é mais vendável que o futuro, só resta saber o tempo que isso durará.

Diante disso, o presente artigo objetiva analisar elementos da memória dos telespectadores encontrados nos comentários publicados no *Twitter*, que justifiquem a audiência do canal Viva de modo a promover uma relação teleafetiva com a programação.

No *Viva*, o que se vê são arquivos sendo exibidos tempos depois, evocando uma memória que, para nós, é afetiva. Há um prazer ao reassistir um programa. Se a recordação é um dos elementos que explica como vivemos o presente, como dito por Huyssen (2000), é preciso olhar para o atual telespectador e investigar a importância que esse tipo de programação pode ter sobre a construção de identidades e a sua relação com o mundo.

Em maio de 2018, o canal *Viva* completa oito anos no ar. Estreou no dia 18 de maio de 2010. Consiste de uma programação que, em sua maioria, pertence ao arquivo da Rede Globo de Televisão, formada por uma grade de telenovelas, programas de humor, musicais, seriados, filmes antigos e algumas produções do próprio canal.

O *Viva* vem alcançando expressivo número de telespectadores e se pode dizer que, em muito, essa audiência se deve ao passado que é reativado e o quanto isso captura o telespectador. A telenovela *Tieta*, por exemplo, com índices de audiência bastante positivos em 2017, levou o canal Viva para o *top 10* dos canais mais assistidos da TV paga no Brasil e, em alguns

meses, permaneceu na liderança da programação a cabo. (CTV AUDIÊNCIA, 2018).

Nesse cenário, a função que a memória traz ao contexto televisivo merece ser investigada, visto que a TV pode ser um meio condutor de lembranças, por isso, a presente pesquisa propõe embasar o conceito de memória teleafetiva (BRESSAN JÚNIOR, 2017) e responder a: De que forma ela pode auxiliar à conquista de audiência.

Como metodologia, utilizamos a AC de Laurence Bardin (2011), categorizando e classificando as falas dos telespectadores em cinco grupos: Ativação, Satisfação/Insatisfação, Diversão, Recordação e Informação. Como recorte, o artigo analisa os tweets agrupados no contexto *Recordação*.

2 Televisão: imagem, emoção e socialização

“Com a televisão foi o milagre da imagem”, já descrevia Wolton (1996, p. 5), referentemente ao aparelho técnico que revolucionou o contexto da informação, da cultura e da comunicação. Dentre todos os meios de comunicação de massa, foi a TV a responsável por trazer imagem e som num sistema de emissão, transmissão e recepção da informação. Ela é uma instituição social, pública ou privada, distribuidora de imagens, como conceituado por Orozco (2014).

Falamos em imagem por ser esse um dos fatores ao sucesso da televisão e que para Wolton (1996) consiste em um conjunto, uma diversidade e uma oferta contínua de cenas,¹ que são oferecidas ao grande público, anônimo e heterógeno. Para o autor “debruçar-se sobre o *status* da imagem de televisão é, portanto, debruçar-se sobre o que está na origem do seu sucesso e que temos a tendência de esquecer, de tal forma banalizou-se a televisão”. (WOLTON, 1996, p. 67).

Ferrés (1998) destaca que é importante reconhecer que a televisão provoca um efeito inconsciente nas pessoas, e que é preciso compreender que existe uma força sobre nosso comportamento, pois só assim, estaremos pensando sobre os efeitos socializadores da televisão.

A influência da televisão não incide sobre a racionalidade (FERRÉS, 1998), mas sobre os apelos emocionais provocados por ela. Vivemos um processo de sedução, que não percebemos de forma consciente. Consiste em uma comunicação inadvertida, que ocasiona um efeito mais profundo, algo despercebido, que é subliminar. Para o autor (1998, p. 14) podemos considerar subliminar “qualquer estímulo que não é percebido de maneira consciente”.

¹ A palavra *cena* é usada neste texto como sinônimo de imagem, imagens que são reproduzidas e transmitidas em cenas na televisão.

São essas incitações que interessam ao entendimento dos afetos e dos vínculos evocados pela televisão, visto que para Ferrés (1998) as pessoas se comportam e se movem muito mais por seus sentimentos, desejos e temores do que por suas convicções, ideias e princípios.

O autor lembra que a televisão é socializadora, porque proporciona uma onda de energia emotiva, formada, principalmente, por impulsos, tendências, desejos e temores, e é utilizada para nosso próprio benefício. “As emoções se definem precisamente pelo que têm de excitação, de ativação. É neste sentido que são mobilizadoras”. (FERRÉS, 1998, p. 39).

3 Emoções e recordações coletivas: o entendimento da memória afetiva

Mesmo sendo uma atividade individual, a memória é formada pela participação do indivíduo em grupos, como define Halbwachs (2003). Esse fato ocorre, porque para ele as pessoas lembram-se de situações que são e foram constituídas em grupos de referência. Estudar a memória como ela é não é a pretensão de Halbwachs, destaca Bosi (1994), mas observá-la em vista de seus “quadros sociais”. Para o filósofo, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. (HALBWACHS, 2003 Apud BOSI, 1994, p. 54).

São nesses grupos que ocorre a formação do pensamento, ou seja, lembranças começam a ser formadas em cada um de nós ao viver um fato ou cenas que aconteceram por estarmos sempre em contato com grupos de referência. A presença do indivíduo em um grupo, não necessariamente, se dá de modo físico, mas na forma de como esse adota para retomar as formas de pensamento e as vivências proporcionadas pelo grupo. “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível.” (HALBWACHS, 2003, p. 31). Essa participação coletiva vai além da presença física; está ligada a outras formas de “estar junto”.

É pela lembrança que, segundo Halbwachs (2003), ocorre o reconhecimento, e isso acontece em razão do *Déjà Vu*, muitas vezes manifestado pelas experiências citadas acima. *Déjà Vu* esse de Bergson (1999), reconfigura um reencontro, um novo desenho sobre o que foi visto pela primeira vez.

Halbwachs (2003) explica que consiste em um resgate do que foi vivido; seriam vivências que retornam e estão inseridas num espaço, em um tempo e em grupos de referência, de relações sociais a que pertence o sujeito.

Quando nos deparamos com esses reencontros, nossas percepções e lembranças podem aparecer de forma afetiva e evocar reações significativas. “O homem está afetivamente presente no mundo” diz Le Breton (2009, p. 111). O simples fato de existir provoca um contínuo fluxo de sentimentos que podem ser mais ou menos vivos e podem mudar de acordo com as circunstâncias.

São os afetos que simbolizam a permanência, a relação do homem com o mundo e sua intimidade inserida nos acontecimentos do cotidiano explica Le Breton (2009). Temos sempre uma apropriação de afeto sobre os objetos que nos cercam e que é duradouro, independentemente do tempo. “A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo”, exposta em momento provisório, que é originado de um fato no qual o “sentimento se cristaliza com uma intensidade particular: alegria, cólera, desejo, surpresa ou medo”. (LE BRETON, 2009, p. 113).

No que diz respeito à memória, as ocorrências para se gerar um afeto podem ser muitas. A lembrança de algo bom traz consigo uma memória afetiva positiva e pode ser ativada ao rever ou recordar de uma situação que levará a esse sentimento, todavia vai depender do tipo de afeto obtido no momento da circunstância lembrada.

Titchener (1895), por exemplo, define memória afetiva como sendo aquela que, voluntariamente, consiste em uma afeição passada. Então, ao lembrar de algumas experiências, é preciso focar a atenção nos processos que constituem a recordação, até que ela passe a ser reproduzida, obedecendo às leis da associação e combinação do que foi percebido. Para o autor, podemos relacionar o termo *memória* ao local em que a afeição pode ressurgir.

Sendo assim, para que se construa uma memória afetiva, é preciso ter elementos que provoquem certas emoções a partir de afetos obtidos pela situação vivenciada no passado e de como nos encontramos no presente. Acreditamos, porém, que o principal fator que evoca a afetividade ao ato de recordar está na busca por um tempo que não volta mais, trazendo lembranças que podem ser seletivas, boas ou ruins.

A memória afetiva é aquela composta por experiências emocionais e afetuosas, constituindo um local onde um sentimento ressurgir através de uma recordação.

4 Procedimentos Metodológicos

Como suporte metodológico, a investigação se apropria das técnicas propostas à categorização de dados a partir da AC de Laurence Bardin. A autora (2011) defende que os critérios para categorização podem ser semânticos (categorias temáticas), sintáticos (verbos, adjetivos), de léxico (sentido das palavras, sinônimos) e expressivos (categorias que expressam conflitos diversos da linguagem).

Para esta pesquisa, optamos pela *categorização semântica*, no sentido de estabelecer categorias temáticas e, a partir disso, estudá-las conforme os elementos que aparecerão no discurso dos telespectadores ao escreverem no *Twitter* suas falas envolvendo a telenovela *Cambalacho*. A opção pelo programa é justificada, haja vista sua estreia ter acontecido no dia 24 de agosto de 2015, período em que foi possível coletar e analisar os dados. Além disso, trata-se de uma atração exibida há 29 anos,² tempo significativo para verificarmos nos comentários dos telespectadores, suas memórias em relação à história e à época em que a telenovela foi ao ar pela primeira vez.

Cambalacho foi exibida no Brasil, em 1986, e conta a história de dois protagonistas que fazem seus *trambiques* para ganhar a vida e sustentar os filhos adotivos de Leonarda Furtado, protagonista da trama. Com algumas histórias paralelas, em situações engraçadas, fizeram da narrativa um grande sucesso no horário das 19 horas, na Rede Globo, (MEMÓRIA GLOBO, 2015).

Para a coleta dos dados, utilizamos um *software* de monitoramento em *sites* de mídias sociais, o qual possibilitou classificar os *posts* publicados entre os dias 24 e 29 de agosto de 2015. Para justificar o *corpus*, seguimos os índices de engajamento divulgados pelo canal *Viva*, os quais mostram um aumento nas taxas de participação do telespectador nas redes sociais, nos períodos de estreia e reta final das telenovelas.

Outro ponto que justifica a escolha de sete dias é que “fecha” a semana de exibição de uma telenovela. Elas iniciam nas segundas e terminam nos sábados. Culturalmente, temos esse fluxo horizontal na programação televisiva.

Com os dados coletados, classificamos os comentários publicados em cinco grupos de expressões que remetem a uma ação típica de uma conversa, que manifesta sentimentos e que caracteriza a ação de comentar sobre a programação em *sites* de redes sociais.

² Intervalo de tempo entre a primeira exibição na TV Globo, em 1986, e a estreia no canal *Viva* em 2015.

O Quadro 1 expõe e explica as características de cada classificação.

Quadro 1 – Quadro das classificações elaboradas com o método exploratório

Classificação	Tipo de comentário	Características
Classificação 1	Ativação	Falas dos telespectadores que remetem às suas solicitações, pedidos, perante o canal Viva. Trata-se de um sujeito ativo, que manifesta seu desejo nas redes sociais.
Classificação 2	Satisfação/Insatisfação	Elogios e críticas a respeito das personagens, dos atores e atrizes, como também da parte técnica da telenovela.
Classificação 3	Diversão	Ironia, sátira, brincadeiras e deboches sobre personagens, atores, atrizes e situações narradas na história, bem como a reprodução das falas das personagens na telenovela. Nota-se o divertimento do telespectador sobre ao que está assistindo.
Classificação 4	Recordação	Falas que destacam a saudade e a lembrança de algo que foi evocado a partir da telenovela exibida.
Classificação 5	Informação	Telespectadores que anunciam o início e o término da história e/ou ao que está assistindo no momento do tweet, mas que não formulam frases, não se encaixando nas outras classificações. A fala acontece como se tivessem deixando recados.

Fonte: Bressan Júnior (2017).

Para este artigo, visando a atingir os objetivos traçados, analisaremos somente as falas enquadradas na categoria 4: *Recordação*, visto ser essa a responsável por demonstrar as recordações e as memórias dos telespectadores.

Por questões éticas, na exposição dos dados, será anonimizado o nome dos perfis, evitando-se a identificação do telespectador. Não é intenção deste estudo saber a identidade do público-alvo, mas o conteúdo de suas falas na rede, a respeito do canal *Viva*.

5 A Memória Teleafetiva nas falas dos telespectadores de *Cambalacho*

Seguindo o caminho metodológico traçado, recuperamos 1.295 tweets postados entre os dias 24 e 29 de agosto de 2015. Desses, somente 33 falas corresponderam a algum tipo de memória do telespectador e apresentaram alguma recordação. As demais discutiam pontos positivos e negativos da história, solicitavam troca no horário de *Cambalacho*, riam

das falas das personagens, informavam o início da telenovela e se mostravam chateados quando não conseguiam acompanhá-la na televisão. Em nenhuma das falas, percebemos algum tipo de lembrança. Como o objetivo deste estudo é analisar que elementos da memória justificam a audiência e estabelecem uma relação teleafetiva com a programação, consideramos necessário propor o seguinte recorte.

As primeiras percepções que obtivemos com a separação dos dados diz respeito à relação de saudade que encontramos nas falas dos telespectadores: “Infância”, “saudades”, “retorno”, “lembranças”, “saudosa”, “nostalgia” e “retorno” são algumas das palavras que aparecem nos comentários.

*Vamos vê #Cambalacho @canalviva novelas da minha infância!
#FernandMontenegro #Guarnieri #MarioLago #NataliaDoValle
#Perigosa #TinaPeper*

*RT @nononono: Tava aqui assistindo #Cambalacho e bateu uma sdds
tão grande de vcs q doeu mais que unha encravada. Precisei aparecer
pra man?*

*Tava aqui assistindo #Cambalacho e bateu uma sdds tão grande de vcs
q doeu mais que unha encravada. Precisei aparecer pra mandar um
abraço ?*

*RT @nononono: Sdds desse visu anos 80 ?? #Cambalacho
#CambalachoNoViva*

Ver #Cambalacho traz uma nostalgia tão gostosa daquele tempo.

*@nononono @VivoNoViva delícia, né? #Cambalacho promovendo o
retorno dessas lembranças.*

Saudade dessas vilãs caricatas #Cambalacho

Saudosa Consuelo Leandro @canalviva #Cambalacho

Quantos atores saudosos e maravilhosos em #Cambalacho... :)

Que trilha sonora gostosa de #Cambalacho Saudades

Nos comentários, percebemos que a memória evocada com a telenovela trouxe lembranças de algo vivido. O primeiro, ao rever as cenas, reminiscências de quando era criança, surgiram. No segundo, ao comparar a saudade com uma dor sentida, leva-nos a entender uma memória emocional que foi resgatada, retomada com o que foi assistido. No terceiro, a saudade do visual, das roupas e estilos dos “anos 80”.

Dois outros comentários também apresentam apelos emocionais e evocam uma satisfação positiva ao lembrar o passado. Ao analisarmos as falas “Ver #Cambalacho traz uma nostalgia tão gostosa daquele tempo.” e “@Nononoon @nononono delícia, né? #Cambalacho promovendo o retorno dessas lembranças”, notamos a sensação de prazer ao reviver recordações com a história de *Cambalacho*. Um tweet chega a direcionar a conversa a dois perfis, propondo um diálogo sobre como é gostoso relembrar com a telenovela.

Le Breton (2009) destaca que os afetos são importantes para manter a relação do homem com o mundo, e que as emoções permanecem na propagação de acontecimentos do passado e do presente. Para o autor, o fato de lembrarmos de algo sempre traz consigo algumas questões emocionais. Nesses tweets, ficou claro o prazer que é o retorno a algumas lembranças.

As manifestações obtidas por conta de recordações nos faz concluir que, certamente, a memória dos telespectadores é coletiva, conforme explicado por Halbwachs (2003). Ele entende que nossas lembranças são acionadas por outros, mesmo quando estamos sozinhos. Não é necessário que outras pessoas estejam conosco, materialmente, no momento da lembrança.

O que observamos nesses comentários dos telespectadores são memórias repletas de saudades e nostalgia que certamente se formaram no contexto coletivo. Mesmo se um desses estivesse assistindo à *Cambalacho* em 1986 sozinho, em sua sala de estar, haveria uma coletividade presente naquele contexto. Os grupos de referência poderiam não estar fisicamente no local com esses indivíduos, mas atribuíam a ele uma ligação que construiu um pensamento e, com isso, uma memória.

Da mesma forma, ao reassistir à telenovela, os telespectadores lembraram de atores, de personagens e de músicas que comprovam que a memória é sempre coletiva. Há outras pessoas envolvidas nisso. Podem não ser somente os grupos de convívio próximo, mas também os profissionais que fazem parte da televisão. A TV pode ser um elemento que está presente na memória coletiva das pessoas.

As personagens da telenovela exercem uma função essencial na reconstrução da memória dos telespectadores. Elas também fazem parte da percepção que evoca a lembrança de um tempo vivido.

Tá passando #Cambalacho no Viva, hahaaha, eu era bem piazzinho qdo passava mas lembro dessa novela, principalmente da 'Tina pepper', massa d+

Neste post, percebemos que a personagem Tina Peper marcou esse sujeito e, ao estar diante dela via televisão, lembrou de quando era “piazzinho”, tradução popular para menino pequeno, criança, na região Sul do País. A expressão “massa d+” exalta a importância dessa recordação para ele. Percebemos, ainda, como esse perfil se diverte com a lembrança, ao escrever “hahaaha” e que, mesmo criança, quando a história foi exibida pela primeira vez, recorda-se dela.

As imagens visualizadas pelo telespectador serviram para constituir essa projeção, conforme explica Halbwachs (2003), no sentido de que não há, em nossa memória, imagens totalmente prontas, visto que é a sociedade que nos indica elementos para a recordação. Para o autor, temos alguns obstáculos para lembrar de tudo. O passado está inteiro em nossa memória, mas alguns comportamentos em nosso cérebro impedem que tudo seja evocado.

Para ocorrer a lembrança, segundo Halbwachs (2003), é preciso preencher alguns espaços vazios do cérebro. Personagens como Tina Peper, para o usuário acima, constituiu um desses elementos de preenchimento. A sensação gostosa ao rever a cena e lembrar de sua fase como “piazzinho” é percebida em sua fala. É importante pontuar que Tina Peper é o nome artístico da personagem de Regina Casé, que aparece somente na metade da história. Ao que esse telespectador assistiu foi a “Tina” sem ser ainda a cantora que imitava Tina Turner.³

Todavia, além dessas, outras memórias vieram também nos tweets que seguem:

*Eu não sei se lembro de cambalacho de quando passou (86) ou só de reprise
lembrei q qdo ia ao centro de SP nesta época, ficava procurando os luminosos da novela! #cambalacho*

Analisamos que a palavra *lembrança* compõe a frase e mostra o que a telenovela fez recordar. Um, sobre a dúvida se assistiu *Cambalacho* em 1986 ou se, na reprise, no *Vale a pena ver de novo*, em 1991, e o outro se

³ Cantora norte-americana que vendeu mais de cinco milhões de discos ao lançar, em 1983, o seu quinto álbum. Em 1985, se tornou mundialmente conhecida após sua participação no filme *Mad Max Beyond Thunderdome*, que, além da atuação, deu voz à trilha sonora com a música *One of the living*.

referindo aos letreiros luminosos no alto dos prédios mostrados na história. Em ambas as falas, os telespectadores querem se referir a algo lembrado ao rever as cenas.

Já nas demais, as recordações são pontuadas, mesmo sem o verbo lembrar. Trazem como comentário a lembrança da infância e o que estavam fazendo ou o que faziam na época de *Cambalacho*.

Eu tinha 10 anos quando passou #Cambalacho

Eu tinha 9 anos quando passou #Cambalacho na TV e fazia uma paródia da novela no jornal do colégio. Estava na 4ª série.

RT @nononono: Como eu achava que era SP na minha infância... Letreiros piscando por todos os prédios... kkkkk #Cambalacho

Como eu achava que era SP na minha infância... Letreiros piscando por todos os prédios... kkkkk #Cambalacho

#Cambalacho me faz voltar a ser criança... <3 <3 <3

O fato de lembrar que estava com 10 anos e que, com 9, fazia na escola uma paródia da telenovela e que *Cambalacho* o fez voltar a ser criança demonstra que a memória, de acordo com Halbwachs (2003), pode vir a se manifestar quando visitamos lugares. Isso nos relembra fatos únicos e pessoais, que estão ligados a outros sujeitos. Ao revisitar as imagens em *Cambalacho*, os referidos telespectadores voltaram no tempo de infância e logo lembraram de algumas ações quando a telenovela foi exibida em 1986.

O comentário “Como eu achava que era SP na minha infância... Letreiros piscando por todos os prédios... kkkkk #Cambalacho” também evoca um período infantil, evidenciando como o sujeito imaginava ser a cidade de São Paulo, isso em razão ao que assistia na telenovela. Esse foi *retweetado* por algum seguidor e fez dessa fala a sua também, ou seja, concordou com o que foi dito e mostrou em público o mesmo sentimento.

Esses fatos podem ser significativos, já que foram descritos na rede social e, em assim sendo, podemos pensar que são compostos por sentimentos. Le Breton (2009) explica que, tanto ao pessoal, quanto à coletiva, a afetividade consiste em um conjunto de acontecimentos relevantes, o qual origina um sistema de valores para nós. A paródia na escola, os letreiros luminosos e voltar ser criança dizem que algo de valor está ligado a tais lembranças. Esses valores podem vir de várias formas: de um sonho, de

uma imaginação ou de algo conquistado. Quanto mais impactantes forem os acontecimentos vividos, mais fortes serão nossas lembranças tempos depois.

Os próximos comentários continuam apresentando sentimentos ao rever *Cambalacho*.

Acabei de fazer o jantar, tomei banho e vim ver Cambalacho. Exatamente como eu achava que seria minha vida adulta nos anos 80 hahaha

@nononono A minha 1ª trilha sonora internacional que eu comprei foi da novela Cambalacho

A projeção de uma vida adulta em 1986 e a primeira trilha sonora comprada são elementos constitutivos de valores. Podem estar inseridos no que Le Breton (2009) chama de “emoções não fixas”. Acentuamos ou amenizamos o sentido dado à memória conforme vamos experimentando e vivendo os acontecimentos. Exemplo disso é o fato de que sempre que nos deparamos com algum evento ou testemunho novo, que nos evoca uma lembrança, percebemos algo diferente sobre o que tínhamos em mente. No caso de *Cambalacho*, o fato de o telespectador lembrar da sua primeira trilha sonora consiste num elemento revisitado, que lhe trouxe tal recordação, mas com um sentimento diferente daquele do passado. Não é o mesmo ambiente e nem as mesmas circunstâncias de tempos atrás. Nessa frase, não vimos adjetivos ou verbos que possam nos mostrar que tipo de emoção foi sentida, todavia, pela relação estruturada, constituiu uma memória que, para nós, é afetiva.

Pode-se, portanto, dizer que a reconstrução ocorre em vista da transferência afetiva que a televisão pode ocasionar. Para Ferrés (1998), ocorre quando transportamos sentimentos ao assistir a uma cena, cujas transferências podem ser positivas ou negativas em relação a algum objeto.

Falamos assim, referindo-nos, também, ao *post* a seguir:

@nononono imagina meu afogamento na Nostalgia, sapeando cambalacho e Banda Metrô no Danilo Gentili rsssssss

Essa fala reforça a nostalgia que o telespectador sente ao assistir à *Cambalacho* e à *Banda Metrô* em outro canal. A expressão “meu afogamento” dá a entender a presença de sentimentos que esse telespectador sente ao visitar estes elementos. A relação afetiva, como

pontuado por Le Breton (2009), surge à medida que vamos apresentando nossas lembranças, estamos diante de objetos que nos trazem emoções. Esses sentimentos podem ser de várias formas: de alegria, de tristeza e de angústia observa o autor. Vai depender de como aquele acontecimento foi vivido e como estamos ao reencontrá-lo em nossa memória.

No *post* a seguir, há uma recordação do telespectador, novamente, com a personagem de Regina Casé, contando que tinha apenas 5 anos de idade quando foi exibida a *Cambalacho*. Um fato que podemos considerar é que ele não chama a personagem pelo seu nome, escreve a atriz como “Tina Turner”. Na história, ela a imita e não representa a cantora. A personagem deve ter marcado, de alguma forma, esse sujeito quando criança. Se ele lembra, é porque algum sentimento foi constituído na época.

Pra ã falar q ã lembro de alguma coisa de #Cambalacho (só tinha 5 aninhos no Jardim III), recordo da Regina Casé como Tina Turner...

O mesmo podemos notar no próximo comentário. Houve uma vivência real do telespectador. A telenovela o lembrou das caronas no camburão.

carona no camburão, outros tempos hahahaha #Cambalacho

Nessa fala, constatamos a presença de risada, de algo que, para ele, foi engraçado, assim como é se lembrar das roupas que se usavam em 1986.

Ahahahaha! Usei essas roupas da Murtinho ahahaha #Cambalacho

Notamos que as recordações sempre vêm com um sentido carregado de humor, justamente por não fazer mais parte do cotidiano. Quando há relação com a forma de se vestir, de se maquiar e a aparência, o *revert* se torna mais cômico.

O *Déjà Vu* pode ser relacionado a esse fato. Como dito por Bergson (1999), quando reencontramos um fato ou evento, elaboramos um desenho sobre a imagem original. Ao estarmos diante dessas imagens, dessas roupas e formas de como nos apresentávamos, um novo quadro se insere. Os afetos e as emoções, nesse caso, potencializam a audiência. Como visto por Ferrés (1998), são as hipergenesias dos sentimentos. Para o autor, não só a história, mas as personagens e outros elementos podem provocar excitações emotivas e induzir a comportamentos.

Nos posts seguintes, continuamos a constatar manifestações sobre a moda e também as referências que os telespectadores fazem sobre os “anos 80”.

Tchau, anos 80...Oi, anos 90 #Cambalacho #DespedidaDeSolteiro

Modernidades dos anos 80! ? #Cambalacho

Mangas bufantes é tão anos 80. #Cambalacho

Look Anos 80 classico de Murtinho #Cambalacho

RT @nononono: Ahhh, os anos 80 e sua breguice sem fim... <3 #Cambalacho

RT @nonononoc: Sdds desse visu anos 80 ?? #Cambalacho #CambalachoNoViva

RT @nononono: Ahhh, os anos 80 e sua breguice sem fim... <3 #Cambalacho

Ahhh, os anos 80 e sua breguice sem fim... <3 #Cambalacho

Anos 80 e sua moda no corpo da Natália do Valle. #Cambalacho

O *Déjà Vu*, nessas falas, consiste em recordações da época, mas que, ao reencontrá-las nos tempos atuais, geram sentidos irônicos e de deboche. *Mangas bufantes, modernidades e breguice* são conteúdos que direcionam para tais percepções. Percebemos que as imagens levam a um sentimento diferente dos outros já observados. A memória apresentada, ao ser percebida na atualidade, gera desconforto. Halbwachs (2003) diz que, quando revisitamos o passado, nossas lembranças são adaptadas às percepções que possuímos do presente.

Acreditamos que, quando essas reminiscências são compostas de sentimentos, temos uma memória que é afetiva e que faz vibrar ainda mais o pensamento, visto que a TV envolve os indivíduos em experiências individuais e coletivas, de forma igualitária, como definido por Wolton (1996).

O *Déjà Vu*, na televisão, possibilita esses laços constantes. Quem assistiu a uma programação inserido em laço social, assim, quando revê a cena, além do laço formado naquela época, outros são constituídos, com uma

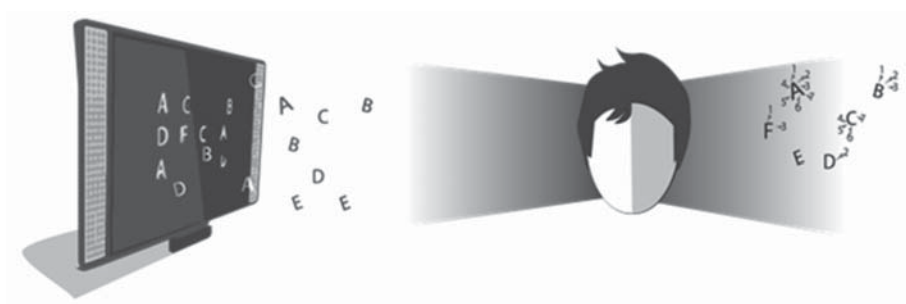
memória que é resgatada. Por isso, a programação do canal *Viva*, com a análise de *Cambalacho*, proporciona uma experiência de audiência com uma memória teleafetiva (BRESSAN JÚNIOR, 2017), essa que é recuperada e reaparece em função da televisão, proporcionando nova sensação constituída por algum tipo de emoção e afeto.

Essa memória teleafetiva é a responsável por recuperar e reformular reminiscências reconstituídas a partir das imagens exibidas na televisão e pelos afetos em torno das vibrações provocadas por ela. Além de socializar, ser laço social, a TV é um “lugar” que revisitamos e que é percebido pela nossa memória.

Difere da memória afetiva por trazer pulsões geradas a partir da visualização de imagens televisivas, provocadas pelos efeitos emocionais durante o ato de reassistir. A teleafetividade da memória, nesse cenário, é resultado do laço social reformulado pelas recordações.

Ilustramos, com a imagem a seguir: um telespectador diante de uma reexibição. As letras correspondem aos objetos percebidos e, do outro lado, já no cérebro, os mesmos elementos, mas com vibração proporcionada pela memória teleafetiva. Os números representam outras lembranças e recordações impulsionadas por emoções vividas em uma época.

Figura 1 – Vibração com a memória teleafetiva



Fonte: Bressan Júnior (2017).

A televisão proporciona essa relação teleafetiva por ser um dispositivo que rememora, recria reminiscências e que esteve (e está) presente no dia a dia do telespectador.

6 Considerações finais

Com esta investigação, percebemos que *quadros sociais*, os grupos de referência contribuem para o surgimento de afetos mostrados na memória dos telespectadores de *Cambalacho*. Como explicado por Halbwachs (2003), a memória é coletiva por estarmos constantemente ligados ao grupos de convívio.

A televisão consiste em um dispositivo que produz imagens e lembranças constantes aos telespectadores. Ao reprisar um programa, expõem-se elementos que serão percebidos e, com isso, uma recordação será impulsionada. O arquivo televisivo carrega consigo essa qualidade que é a de rememorar um tempo passado. Consideramos a televisão um suporte na constituição da memória coletiva. Ela faz parte da coletividade em que vivemos. Estamos diante dela, assistindo, conversando com amigos e familiares e se emocionando.

Nela, os telespectadores revisitam *lugares* e as recordações aparecem. Preenchem os vazios do cérebro, pois as imagens televisivas funcionam para ativar uma lembrança e, conseqüentemente, emoções. Podemos dizer que são estes sentimentos que contribuem para aumentar a audiência da telenovela *Cambalacho*. Há, nesses telespectadores, uma memória afetiva que é composta por lembranças formadas por afetos.

Na análise realizada, atingimos os objetivos propostos e vimos que a audiência e a aceitação da telenovela se justificam por possuir os seguintes elementos:

- *Saudade*: as pessoas sentem saudade de um período vivido, de objetos, roupas e de pessoas;
- *Diversão*: os telespectadores comentaram significativamente sobre como a história e personagens os divertem;
- *Nostalgia*: fez bem aos que assistiram aos primeiros capítulos o fato de recordar e sentir prazer com tais recordações;

Nesse movimento, reafirmamos que há uma memória que, além de afetiva, passa a ser teleafetiva. Concluimos ser esse um dos processos de conquista de audiência do canal *Viva*. Como resultado por Halbwachs (2003), em alguns momentos, é preciso fazer dos depoimentos exteriores uma espécie de semente de rememoração, para que possam surgir as lembranças. A TV executa esse papel, que consiste em um dos elementos externos que auxilia na volta ao passado.

Consideramos a memória teleafetiva a que se manifesta em razão da televisão, que recupera lembranças e dileções num contexto coletivo, por funcionar como um lugar de revisitação, no qual o telespectador, por meio

de imagens, ativa uma percepção, reconstituindo uma memória, que sempre é composta de emoção e afeto. Essa memória readquire reminiscências com a programação *Déjà Vu* e impulsiona as vibrações provocadas por ela.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRESSAN JÚNIOR, Mario Abel. *A memória afetiva e os telespectadores: um estudo do canal Viva*. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – PUCRS, Porto Alegre, 2017.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CTV Audiência. “Tieta” deixa Canal Viva em primeiro lugar na TV Paga. Disponível em: <<https://www.ctvaudiencia.com/tieta-deixa-canal-viva-em-primeiro-lugar-na-tv-paga/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- FERRÉS, Joan. *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MEMÓRIA GLOBO. *Cambalacho*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/cambalacho/trama-principal.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2015.
- OROZCO, Guillermo. Televisão: causa e efeito de si mesma. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Org.). *O fim da televisão*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014. p. 96-113.
- TITCHENER, E. B. Affective memory. *The Philosophical Review*, v. 4, n. 1, jan. 1895. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2175845>>. Acesso em: 22 ago. 2015.
- WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1996.